

# humanitas

Vol. XXIŽJ J ;;

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

---

# HUMANITAS

VOLS. XXI E XXII



COIMBRA  
MCMLXIX-LXX



**Eurípides. Troades.** Edidit WERNER BIEHL. Bibliotheca Scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana. Lipsiae in aedibus B. G. Teubneri, 1970. XXVIII + 92 pp.

Sendo as *Troianas*, dentre as peças de Eurípides, não das mais perfeitas, mas certamente das mais impressionantes (como o prova a sua influência sobre dramaturgos contemporâneos), surpreende a escassez de bibliografia a ela consagrada. Efectivamente, ao passo que a *Helena* tem visto multiplicar-se as edições críticas e comentários nos últimos anos (K. Alt, Leipzig, 1964; A. M. Dale, Oxford, 1967; R. Kannicht, Heidelberg, 1969), da tragédia de que nos ocupamos não há, posteriormente a Parmentier (1925) senão textos escolares, e, mesmo esses, pouco numerosos.

Esta inexplicável lacuna é agora preenchida por um trabalho de alta qualidade, como era de esperar do autor do comentário ao *Orestes*, publicado em Berlim em 1965.

O texto é estabelecido, como não podia deixar de ser, sobre V e P. O A. analisa também Q, Va e Haun., para concluir que a segunda parte de Q, ou seja, Q<sub>2</sub>, que contém os versos 611-1332, foi trasladada, pelo mesmo copista de Va, o qual, por sua vez, é apógrafo de V. Cópia de Va é também, por seu lado, o MS. Haun. (parentesco semelhante fora também proposto por Barrett na sua edição do *Hipólito*, p. 75). Destes códices, o A. faz, naturalmente, uso limitado; outro tanto sucede com os dois gnomológicos Gb e Ge, publicados por Matthiessen («Exzerpte aus sieben Tragödien des Euripides in Codex Vaticanus Barberini Graecus 4», *Hermes*, 93, 1965, 148-158, e «Ein weiteres Euripidesgnomologium (Escorialensis Graecus XI.13)», *Hermes*, 94, 1966, 398-410) e agora pela primeira vez utilizados, — reconhecendo embora que a sua vantagem só se faz sentir na falta de outros testemunhos.

As dificuldades, passos suspeitos de interpolação e *cruces* abundam no texto de *As Troianas*, como um desafio à habilidade do editor. Tal como alguns dos seus antecessores, Biehl atetiza os versos 435-443. É certo que o primeiro exemplo de inserção de um tal catálogo dos erros de Ulisses ascende à própria *Odisseia* (ψ 310-343). Neste caso, porém, se suprimirmos este passo, fica sem justificação o verso 444.

O A. retirou, como Parmentier, a *cruce* de 638, τῶν κακῶν ἠσθημένος, o que é facilmente aceitável. Mais difícil será concordar com idêntico procedimento em 634. Efectivamente, sendo as palavras ὃ τεκοῦσα dirigidas por Andrómaca a Hécuba, seria mais apropriada a emenda de Musgrave, com base em *Íon* 1324, οὐ τεκοῦσα. No entanto, nesta última peça figura, a mais, uma partícula περ, indispensável ao sentido, mas à qual a métrica não dá cabimento no caso presente. Em contrapartida, no verso 414 da *Hécuba*, é perfeitamente adequado ὃ μήτηρ, ὃ τεκοῦσ', pois é Políxena quem se dirige à mãe com esses vocativos. A explicação de Parmentier, supondo um jogo de palavras, que se obtém lendo οὐ e mudando a pontuação, é extremamente engenhosa, mas pouco convincente. Não menos engenhosa, e um pouco mais fácil de aceitar era a conjectura de Murray ὃτ' ἔχουσα, que o A. eliminou do aparato.

O regresso ao texto dos manuscritos no começo da *rhexis* de Menelau, em 862-863, parece-nos de louvar. São a primeira e mais evidente prova do conflito de sentimentos em que se debate o rei de Esparta, conflito esse que ele pretende ocultar,

fazendo afirmações que sucessivamente se corrigem: o dia é belo porque é aquele em que recuperará Helena, por quem muito lutou; mas não foi por causa de uma mulher que veio a Tróia, mas sim para castigar o homem que o ofendeu; o terceiro ponto será naturalmente dizer que vai punir aquela cujo nome não quer proferir sequer... Está preludiado o procedimento de Menelau para com a mulher, procedimento cuja orientação futura não escapa a Hécuba.

A escolha da lição de PQ<sub>1</sub> no v. 98 (*κεφαλήν*) em paralelo com *δέρην*, pontuando de novo, afigura-se-nos também uma boa solução. O regresso à tradição manuscrita em 144, contra Murray e seguindo Parmentier, é-o também. É igualmente de aceitar a emenda proposta para 549-550, onde o texto *σέλας πυρός μέλαιναν αἴγλαν ἔδωκεν ὕπνοι* é métricamente errado. O A. insere *νυκτός* na vez de *πυρός* e transfere esta última palavra para depois de *αἴγλαν*, criando assim uma expressão paralela (*de contrario*) a *καλλιφεγγές ἡλίου σέλας* de 860.

A edição termina com um *conspectus metrorum* que explica e esquematiza as diversas alterações feitas na colometria. Em muitos passos, os dímetros anapésticos com predomínio das longas facilitam a mudança num texto já de si pouco seguro. Porém, se, em 124 lermos, como Hartung, *λίμνας* por *λιμένας*, e dermos a *δι'* a quantidade longa, à maneira homérica, como propôs M. O. Pulquério («Características Métricas das Monódias de Eurípidés», nesta revista, vol. XIX-XX, p. 104), teremos resolvido a dificuldade da primeira palavra do verso, sem alterar a colometria.

Estes poucos exemplos apresentados só provam a dificuldade da tarefa. Ante a qualidade do trabalho agora realizado, só podemos desejar que um amplo comentário venha completá-lo em breve.

M. H. R. P.

#### MÁXIMO BRIOSO SÁNCHEZ, *Anacreontea*. Un ensayo para su datación.

Theses et studia philologica Salmanticensia, XV. Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Colegio Trilingüe de la Universidad. Salamanca, 1970. 48 pp.

Uma vez que hoje ninguém duvida da inautenticidade das *Anacreontea*, a questão fica reduzida à da determinação da sua data. É o que o A. se propõe resolver, tomando como base «dados objectivos e redutíveis a cifras» (p. 11): o léxico, a sintaxe, a métrica. Antes disso, faz um resumo dos antecedentes do problema. Resumo sem dúvida demasiado esquemático, pois fala de «duas etapas, a primeira, de cega fé, a segunda, de crescente incerteza, com nomes como os de Bentley, Mehlhorn e Welker» (p. 7). Ora a verdade é que apenas três anos após a edição de H. Étienne, já Fr. Robortellus, na p. 26 do seu *Liber de arte s. ratione corrigendi antiquos libros*, Patav. 1557, classificava as *Anacreontea* de «insulsos quosdam posterioris aevi lusus». E em 1776 Fischer tinha dúvidas de que houvesse qualquer poema autêntico em toda a colecção.